

FORMAS DE VIDA DO FEMININO NO CINEMA BRASILEIRO

Rebecca Nazar¹
Marlon Oliveira²
Naiá Sadi Câmara³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar as formas de vida do feminino retratadas no cinema brasileiro, por meio da análise de um filme do século XXI no qual a mulher tem aparição de destaque. A diferença de gêneros, que sempre foi retratada em muitas produções cinematográficas, ganhou evidência na contemporaneidade e vem sendo tema de muitas pesquisas e produções culturais que, ora abordam sobre questões relacionadas à inclusão, ora relacionadas aos papéis sociais das mulheres, conforme nos revela o artigo “Representações sobre a mulher no cinema brasileiro contemporâneo”, de Tiago de Almeida Moreira (2015). A questão que direcionou a pesquisa foi: será que as produções contemporâneas ainda mantêm os estereótipos femininos tradicionais de formas de vida da submissão, de objeto sexual, da fragilidade ou apresentam formas de vida que quebram esses rótulos? A fim de responder essa questão, este artigo propõe-se analisar o filme Operações Especiais (2015), de Tomás Portella, cuja protagonista é uma mulher, papel representado por Cléo Pires. O longa-metragem foi escolhido porque trata do acolhimento feminino em uma das profissões mais requisitadas ao sexo oposto: a de policial, e por isso, em princípio, representaria uma ruptura com os papéis estereotipados. Parte-se do pressuposto de que as produções cinematográficas exercem uma importante influência nas formas de vida das sociedades e, portanto, a identificação dessas formas é relevante para verificar as identidades que as mídias de massa apresentam aos consumidores.

Palavras-chave: Cinema brasileiro; formas de vida; feminino.

Introdução

A representação do feminino por meio das mais conhecidas formas de artes é temática de destaque neste artigo. O texto busca estudar e entender o impacto que a considerada sétima arte - cinema - causa em seus espectadores por meio da identificação das formas de vida do feminino caracterizado por meio deste.

A busca pela igualdade de gênero fez com que a imagem da mulher tenha sido moldada ao longo dos anos, adquirindo reconhecimento pelos seus reais valores, respeito e tratamentos menos desiguais quando comparada ao sexo masculino. A trajetória do feminismo é bastante vigorosa. Segundo CUNHA (2013), o movimento feminista inicia-se

¹ Graduando do Curso de Publicidade e Propaganda da UNAERP, email: rebeccafnazar@gmail.com.

² Graduando do Curso de Publicidade e Propaganda da UNAERP, email: marlonoliveira@hotmail.com.

³ Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UNAERP, email: naiasadi@gmail.com.

pelas reivindicações por direitos igualitários como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho, nos séculos 18 e 19. Durante o mesmo período, na Revolução Industrial, apesar dos baixos salários em relação ao homem, o número de mulheres empregadas expandiu de forma significativa, encorajando-as a fortalecer o movimento feminista.

Apesar de certas organizações terem iniciado essas discussões no século XIX pelos Estados Unidos e Europa, o século XX foi responsável por trazer grandes avanços para as mulheres. Foi nos anos de 1900 que as primeiras revoluções femininas, o feminismo e a participação de mulheres em causas sociais surgem para rebelar uma época coberta em preconceitos. No século XX há também no Brasil importante passo:

Em 1984, cria-se o Conselho Nacional da Condição da Mulher, que promove uma campanha vitoriosa para inclusão dos direitos da mulher na Carta Constitucional. Na década de 1990, a principal luta do movimento feminista foi contra a violência doméstica, que encontrou forte apoio, em 2006, com a criação da Lei Maria da Penha. (ALVES & ALVES, 2013, p. 116)

Apesar de todo o avanço feminista ocorrido até o século XXI, a mulher ainda é alvo de representações machistas nas telas de cinema. O preconceito entra em cena muitas vezes e o conceito de objeto sexual juntamente com a incapacidade de atuação em profissões muito antes direcionadas ao homem, ainda permanecem como rótulos.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a representação do feminino a partir do filme “Operações Especiais” de Tomás Portella (2015), fazendo-se assim um estudo de como o cinema contemporâneo brasileiro retrata o papel da mulher. O filme escolhido para este estudo tem a missão de situar o preconceito enfrentado no dia a dia de mulheres que escolhem seguir o ramo profissional que é, muitas vezes, denominado pelo sexo masculino. A atriz principal encarna o papel de uma policial, entrando em cena na realidade do caos do tráfico e da corrupção expandida, além de carregar o desprezo do resto do batalhão por ser a única figura feminina.

O alicerce do estudo é estabelecido por uma análise semiótica de toda temática. O longa-metragem, juntamente com as pesquisas bibliográficas que abordam as formas de vida do feminino compõem as bases que auxiliaram a compreensão da simbologia e os efeitos de sentidos da representação feminina nessa produção cinematográfica. Acredita-se que a identificação e análise dessas formas de vida do feminino sejam relevantes para

verificar as identidades que as mídias de massa apresentam aos consumidores e que, portanto, constroem o imaginário cultural das sociedades.

1. Formas de vida do feminino

Nos textos intitulados “Le beau geste” e “Formes de vie”, Greimas (1993) e Fontanille (1993), baseados na concepção de formas de vida de Wittgenstein (1984), ressignificam esse conceito e propõem que ele substituíra a noção de “estilos de vida”, anteriormente utilizada para caracterizar a maneira pela qual os indivíduos e os grupos exprimiam sua concepção de existência, marcando assim, segundo Fontanille (1993), a linha divisória entre as preocupações psicossociológicas e o campo da semiótica, e também ancorando a problemática nascente na filosofia da linguagem. Desse ponto de vista, formas de vida denominam os comportamentos esquematizáveis dos grupos sociais que se organizam com base nas rotinas, nos hábitos das práticas sociais.

Segundo Greimas e Fontanille, as formas de vida modificam-se a partir de uma ruptura, de uma fratura no cotidiano que, pela invenção por negação de uma moral social, de um sistema de valores ou de programas narrativos, provoca um acontecimento inovador. Esse acontecimento, se aceito, se estabiliza e passa a configurar-se como uma nova forma de vida que logo depois tornar-se-á rotina.

O conceito de formas de vida liga-se diretamente às questões de sexo e gênero, e pode ser contextualizado em diferentes momentos da sociedade. Essas questões são carregadas de valores religiosos e morais e, por muitos anos, acreditou-se na existência de apenas dois gêneros: feminino e masculino. A expansão dessa crença trouxe consigo formas de preconceito que se instalaram no âmbito social e mostram-se presentes até hoje.

A definição de gênero é um conceito incerto e pode ser facilmente contestado se levar em consideração conceitos relacionados à natureza humana e suas construções sociais. Simone de Beauvoir (1949), escritora francesa e feminista da segunda onda, já na década de 50 fala em seus estudos que ambos os sexos são construídos cultural e socialmente, concepções exploradas em seu livro “O Segundo Sexo”.

Desse imaginário cultural que separa radicalmente os gêneros, as formas de vida do feminino, consideradas “tradicionais”, relacionam-se às formas de vida da maternidade, da fragilidade, submissão e dos atributos físicos como a beleza. Essas

configurações fecharam, restringiram os papéis das mulheres por muito tempo, já que a ideologia de gênero⁴ contribui para as configurações das formas de vida do feminino uma vez que explica a formação do sexo biológico classificado como a primeira manifestação de identidade do ser e dividido entre fêmea e macho, ou seja, as caracterizações que devem distinguir socialmente e moralmente as formas de vida.

Se há qualquer complexidade envolvendo questões de gênero, elas certamente se agravam ao falar-se especificamente das formas de vida do feminino. Tema tabu e motivo de silêncio por décadas, o ato de discutir, por exemplo, sobre o papel temático de mulher, já foi, mesmo que subjetivamente, proibido de ser debatido.

Na atualidade, é possível compreender as evoluções constantes pelas quais o tema passa. Deve-se analisar não só a luta que se atrela às mulheres contemporâneas pela equidade entre gêneros, mas também as ramificações como as questões de sexualidade e as questões de mudanças de gêneros.

A teoria Queer⁵, por exemplo, afirma a existência de diferentes identidades sexuais, uma concepção não binária resultante da vivência, cultura e da construção social de cada indivíduo, negando qualquer papel sexual ou biológico inscrito na natureza e contrapondo a ideia de que o gênero deve ser limitado a duas categorias, tais como hétero e a homossexualidade. O ser transexual, bissexual, travesti, pansexual, assexual, *dragqueen* e andrógino são alguns dos gradientes que compõem a sociedade atual.

Ao focar no âmbito das formas de vida do feminino nesse cenário de novas concepções, é possível ver o assunto sendo colocado em pauta quando se analisa o surgimento de diferentes grupos de discussão, ativistas e militantes que lutam pela causa, tanto como pela representatividade dessa singularidade em canais midiáticos. Artistas como Pabllo Vittar, dragqueen, Laverne Cox, mulher transgênero, Thammy Miranda e Tereza Brant, ambos homens transgêneros, são alguns dos exemplos que envolvem os gradientes de gênero instalados na contemporaneidade.

2. Trajetória do feminismo no Brasil

A trajetória do movimento feminista no Brasil é marcada por demasiadas lutas, disputas e conflitos. Os estudos de Maggie Humm (1990) e Rebecca Walker (1992),

⁴ Definir aqui o que se está entendendo por ideologia do gênero

⁵ Colocar aqui pequena definição da teoria

defendem que a história do feminismo é dividida em três "ondas": a primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX; a segunda, nas décadas de 1960 e 1970; e a terceira, na década de 1990 até a atualidade.

O final do século XVIII e início do século XIX foi marco do início do movimento feminista no Brasil. As mulheres já lutavam pelo direito ao voto, direito à educação, divórcio e inclusão no mercado de trabalho. Esse momento histórico constata a diferença de vivência entre os dois gêneros - masculino e feminino - e suas regalias que eram na época absurdamente discrepantes.

Outros dois grandes momentos são relevantes na história do movimento brasileiro e merecem destaque: o fim da década de 1960 pela liberação sexual e o final da década de 1970 pela luta de caráter sindical e contra a ditadura militar. É durante tais décadas que questões envolvendo a mulher negra, indígena e a homossexualidade vem à tona e, durante a ditadura militar, muitas delas se impuseram contra a repressão e foram exemplo de resistência, como Ana Maria Aratangy ou mesmo a ex-presidente do país, Dilma Rousseff.

O movimento propiciou às mulheres repensarem sobre sua opressão acerca, principalmente (mas não somente), das questões políticas. Trouxe à tona a questão de que tudo aquilo que é público atinge a vida pessoal e as decisões, seus desejos e vontades não aconteciam somente pelo próprio mérito, condição ou até mesmo sorte, mas sim, que a vida pessoal era até então atingida por fatores públicos. (CASSAB & OLIVEIRA, 2014, p.3)

Durante a década de 1980, após a ditadura, as mulheres criam formas de representação política, com a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em 1985, além de numerarem 26 cadeiras durante a eleição para a Assembleia Constituinte, onde se instalaram para reivindicar leis a seu favor. Em 1990, os partidos políticos já tinham obrigatoriamente de garantir uma cota de 30% das vagas para mulheres.

No século XXI, leis como a Lei Maria da Penha foram sancionadas, além do crescimento considerável da conscientização feminista entre mulheres de diferentes idades. Atualmente, o sexo feminino caminha junto, cria coletivos, grupos ativistas e compartilha de interesses em comum, dentro das diferentes vertentes, buscando os mesmos ideais.

3. A teoria feminista no cinema

A década de 1970 foi marcante para o feminismo no cinema. Foi logo no início dos anos que a chamada Teoria Feminista no Cinema surge, trazendo textos e livros populares que englobam assuntos sobre a participação feminina no meio cinematográfico, levando-os até festivais de cinema, como os ocorridos em 1972 em Nova Iorque e Edimburgo.

A teoria foi baseada em textos de Virginia Woolf, Simone de Beauvoir e conceitos marxistas e psicanalistas, englobando tópicos discutidos na época e recriminando os rótulos que envolviam a postura feminina no cinema, como a objetificação feminina, fetichismo, submissão e toda a cultura patriarcal existente.

Teóricas como Teresa de Laurentis, apresentada na foto abaixo, e Laura Mulvey foram nomes conhecidos nos meios feministas da época. A primeira, por escrever o livro *Technologies of Gender* (1987), onde analisa as tecnologias sociais e a forma em que as mesmas modelam os indivíduos, especificamente como afetam distintamente os sexos masculino e feminino. Mulvey, por sua vez, escreve “Prazer Visual e Cinema Narrativo”, falando sobre o narcisismo e fetichismo.

Figura 1 - Teresa de Laurentis (2015)



Fonte: Site ICI Berlin

Robert Stam, em “Introdução à Teoria do Cinema”, afirma que a primeira Teoria deveria servir como conscientizadora e denunciadora da mídia negativa sobre a mulher. Contudo, a mesma passou a ser criticada por limitar-se à participação de mulheres brancas, que analisavam filmes euro colonialistas, sem qualquer recorte de raça.

Mostraram que o machismo cinematográfico, da mesma forma como o machismo no mundo real, era multiforme: podia envolver a idealização das mulheres como seres moralmente superiores, sua inferiorização como castradas e assexuais, sua hiperbolização como mulheres fatais terrivelmente poderosas ou, ainda, apresentar-se como inveja de suas capacidades reprodutivas ou temor por serem encarnações da natureza, da idade e da morte. (STAM, 2003, p.194)

Foi com o surgimento dessa teoria que discussões posteriores puderam vir à tona, como a introdução do papel da mulher negra no cinema, o pós-estruturalismo e a análise de questões subjetivas, como aspectos psicológicos, sociais e culturais entre gêneros, uma vez que, durante sua primeira fase, o foco principal se limitava a questões sexuais.

3.1 A mulher como protagonista

A relação insalubre do cinema com o sexo feminino acontece desde o surgimento do meio cinematográfico. Boas e fiéis espectadoras, as mulheres têm lutado por seu espaço nas telas há anos, ao mesmo tempo em que lutam por papéis menos desmerecedores.

A publicação “Preconceito de Gênero sem Fronteiras: Uma Pesquisa sobre Personagens Femininos em Filmes Populares em 11 Países” destaca a participação limitada do gênero feminino no cinema, tendo de fala ou presença de apenas 30,9%. Em filmes de ação e aventura, a porcentagem cai para 23%. A pesquisa constata ainda sobre a sexualização e a padronização estética presentes, na qual uma mulher é duas vezes mais provável de aparecer em trajes sensuais e nudez em relação ao sexo masculino.

Apesar da grande evolução para com os papéis determinados às mulheres, que atualmente conseguiram – em partes – conquistar espaços em filmes de força e representatividade, ligar uma personagem feminina, protagonista ou não, a um estereótipo machista, limitado e dependente acontece quase que de imediato.

A imagem da fêmea como objeto sexual ou mesmo mulher feminina e delicada se faz presente ainda com o crescimento de movimentos femininas. Filmes como “Uma Linda Mulher” ou “Cinquenta Tons de Cinza” são exemplos claros e atuais dessa estagnação, uma vez que mostram uma dependência do feminino em relação a qualquer elemento masculino presente, onde a feminilidade se torna sinônimo de sexualização,

sendo esta uma ideologia capitalista construída unicamente para a sociedade consumidora, a masculina.

Esse fator é determinante, uma vez que influencia diretamente adolescentes e crianças que entram em contato com meios de comunicação, contribuindo para a propagação de padrões, limitando-as em sua própria formação, uma vez que a construção da personalidade individual é fortemente influenciada por meios de comunicação e pela representatividade que projetam os meios de comunicação.

O fato é que as mulheres estão muito sub representadas em quase todos os setores da sociedade em todo o mundo e não apenas na tela, mas na maioria das vezes simplesmente não estamos cientes da extensão deste problema. E as imagens da mídia exercem uma poderosa influência na criação e perpetuação de nossos preconceitos inconscientes. (DAVIS, Geena. 2013)

4. Análise

O filme escolhido para estudo, Operações Especiais (2015) de Tomás Portella, retrata o feminismo de forma conceitual que, por sua vez, traz nos primeiros momentos a figura feminina encarnada em uma forma de vida simples, mostrando as dificuldades cotidianas enfrentadas pela classe média-baixa do Rio de Janeiro. É um longa-metragem que exhibe o devir das formas de vida do feminino em situações cotidianas.

A princípio, já formada em turismo e trabalhando como atendente de hotel, a protagonista Francis vê a oportunidade de entrar para a polícia como motivação de uma vida melhor. Após passar no concurso, começa seu treinamento de habilitação policial. O tempo do enunciado estabelece relação com a época em que ocorreu a invasão do Complexo Alemão (2010).

Desde o início na carreira policial até o desfecho do filme, observa-se o devir das formas de vida de Francis. O processo de transformação dos papéis temáticos, figurativos e passionais do ator Francis é apresentado de forma parcial, metonímica, no plano da expressão (cenas iniciais do filme), e apresenta um percurso que se estabelece por lutas constantes contra estereótipos, preconceitos, abusos morais e éticos das formas de vida do feminino que predominam na sociedade onde a trama ocorre. Os preconceitos sofridos não são somente relacionados ao gênero, mas também a opiniões distintas sobre a defesa de um povo que precisa regularmente de sua honra e honestidade.

Rotulada como sexo frágil e sendo a única figura feminina do batalhão, a protagonista sofre com suas opiniões sendo reprimidas pelos outros soldados, mostrando ao espectador a opressão do feminino pelo masculino. Como o longa se baseia em "quebra de rótulos", Tomás Portella aproveita para, nesses momentos narrativos, dar o empoderamento feminino ao ator feminino.

A partir da isotopia estruturante da obra – as formas de vida do feminino, outras temáticas surgem. A obra retrata sobre os mais variados temas de debates da atualidade: corrupção, criminalidade, desonestidade, abuso sexual, diferença de gêneros, desigualdade entre outros.

O estudo busca levantar questões da atualidade cotidiana como apresentadas no longa-metragem e, juntamente, explorar a evolução da figura feminina cinematográfica. Sendo um filme do século XXI, permite a comparação com os mais antigos filmes que receberam aparição do papel feminino, nos quais, nem sempre, ganharam destaque como uma autoridade de respeito e muito menos exercendo a função de mulher sem seus estereótipos de sexo frágil, figura objeto e dependente do sexo masculino.

5. Análise semiótica de cenas

Figura 3 - Cena 1



Fonte: printscreen do filme Operações Especiais (2015). 0º 16' 17" - 0º 17' 35"

A análise a partir da cena 1 traz a primeira fase da personagem caracterizada pela feminilidade exacerbada. Francis é a própria representação da forma de vida estereotipada do feminino figurativizada em suas roupas coladas ao corpo, cabelos com mechas loiras, unhas pintadas e muita maquiagem. Nessa etapa inicial o ator Francis 'configura-se predominantemente pela forma de vida da fragilidade feminina, no papel

temático de doméstica, usufruindo de salões de beleza e “superficialidades” ligadas à aparência. Sofrendo com opressões masculinas, desrespeito e incredibilidade, a fim de mudar de vida, Francis decide entrar para a polícia e partir dessa daí, inicia-se seu percurso de mudanças quando passa a enfrentar os preconceitos dos colegas machistas.

O filme apresenta nessa primeira fase muitas falas machistas de policiais homens em relação à protagonista. Descreem de sua capacidade a todo momento e a expõe a cenas de humilhação e desrespeito.

Figura 4 - Cena 2



Fonte: print screen do filme Operações Especiais (2015). 0° 24' 43" - 0° 27' 25"

Já na segunda cena analisada, em seu primeiro dia de missão policial, a protagonista continua ouvindo absurdos do universo masculino, mas Francis não se abala mais, mantêm-se forte e segura de que vai enfrentar o seu novo compromisso até o fim. Nesta cena, uma “peça” é pregada por toda corporação sem o delegado responsável pelo batalhão (Marcos Caruso) ter conhecimento. Os soldados simulam uma prisão e pedem para que ela cuide do prisioneiro, mas ele se solta e foge. No desespero da situação, ela relata ao delegado que logo percebe a “brincadeira” feita pelos outros soldados, vitimando a personagem.

Os elementos de cena desta vez mostram-se no amadurecimento de postura de Francis em relação ao ambiente novo de trabalho. As roupas figurativizam o início de seu devir, do suas novas formas de vida, sem tantos cuidados mais com a estética e preocupação com a beleza exterior. Apesar de seu psicológico ainda não estar totalmente estável, ela não hesita em continuar sua missão.

Figura 5 - Cena 3



Fonte: print screen do filme Operações Especiais (2015). 1º 13' 25" - 1º 14' 24"

Na terceira e última análise, representada pela cena 3, o posicionamento da personagem se torna mais preciso e consistente. Nas novas missões não se observa mais o medo e insegurança que sempre estavam presentes, sua nova postura mostra toda a transformação sofrida por ela e a maneira como os elementos figurativos foram primordiais para caracterização de toda a trama. A apresentação do universo feminino é outra; sua vestimenta é caracterizada pela farda policial, acompanhada de postura de autoridade e presença, reconfigurando o medo e as inseguranças configurando uma nova forma de vida.

A partir desse momento, nota-se a quebra de estereótipos, a ruptura apresentada pelo ator Francis no início da trama, pois observa-se que os papéis temáticos de mulher e de policial se misturam, contemplando e complexificando suas paixões. Paixões que na semiótica, são referências de sentimentos, paixões essas que se transformam e evoluem. Desde a paixão do medo, da insegurança até chegar às paixões da coragem, força, convicção.

Toda a análise permite verificar a transformação da personagem no universo feminino. Desde o uso do vestido florido nas primeiras cenas, com sua personalidade de insegurança e fragilidade, até o momento em que veste a farda e faz o uso de armas, conquistando paixões de coragem e segurança, reagindo diante de situações de perigo e enfatizando a evolução do feminino no decorrer do filme, concluindo-se assim que a mulher em si, não é representação de um ser inferior e incapaz, mas que em todos os anos

de luta e batalha por seus direitos, conquista cada dia mais seu reconhecimento e verdadeiro sentimento de forma de vida.

6. Considerações finais

Compreender a evolução da mulher e sua importância na sociedade é muito mais abrangente do que apenas o sexo feminino. Essa compreensão mostra um desenvolvimento na sociedade como um todo, na quebra de paradigmas surgidos com o patriarcado e numa evolução que atinge as mais distintas formas de relação interpessoal.

O movimento feminista surge como um reflexo de uma sociedade patriarcal e de toda a história que envolve o tema, vindo à tona pela necessidade de emancipação das mulheres para com o sexo masculino. O desenrolar de todo o movimento faz-se fundamental para a libertação feminina, enraizada ao homem desde os primórdios da vida coletiva.

As análises revelam um processo de ruptura de rotinas e papéis das formas de vida do feminino por meio do devir do ator Francis. As transformações dos papéis temáticos de uma recepcionista para uma policial são figurativizadas nos papéis figurativos (transformações físicas, figurinos, etc) e, sobretudo, quebras nos papéis passionais: de insegura, medrosa, frágil para destemida, corajosa, ativa.

A trama enfatiza os obstáculos com os quais a protagonista lida ao longo de sua transformação que ocorre por processos muitas vezes violentos, agressivos contra as mulheres. Se as narrativas figuram e narram as formas de vida das sociedades nas quais são criadas, o filme, desta perspectiva, assume também um caráter de denúncia. Dessa forma, podemos afirmar que o filme “Operações Especiais” exerce a função de quebra de rotina em relação às formas de vida estereotipadas do feminino, exercendo uma importante função social.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. F.; ALVES, Ana K. S.. **As Trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**. IV SEMINÁRIO CETROS NEODESENVOLVIMENTISMO, Trabalho e Questão Social, Fortaleza, UECE, Itaperi, p. 116, 2013.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASSAB, L. A.; OLIVEIRA, L. P. R.. **O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas.** Universidade Estadual de Londrina, 2014.

CASTRO, A. M.; MACHADO, R. C. F.. **MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL E AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E MULHERES.** Manaus, 2016.

CUNHA, C.. **Direitos femininos: uma luta por igualdade e direitos civis.** São Paulo: Novelo Comunicação, 2013.

DAVIS, G. **ONU: Indústria cinematográfica global perpetua discriminação contra a mulher.** 2015.

FONTANILLE, J. **Formes de Vie.** Presses universitaires de Liège, 2015.

HUMM, Maggie. **Modernist women and visual cultures:** Virginia Woolf, Vanessa bell. New Jersey: Rutgers University Press, 1992.

HUNT, R. E.; MARLAND, J.; RAWLE, S. **A Linguagem do Cinema.** Porto Alegre: Bookman, p. 109, 2013.

LAURENTIS, T.. **Technologies of Gender.** 1987.

MACHADO, A. N. **Lógica e Forma de Vida – Wittgenstein e a Natureza.** Editora: Unisinos, 2007.

MOREIRA, T. A. **REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO.** Revista digital para estudantes de Geografia y Ciencias Sociales, Vol. 6. Nº 80, ano 2015.

MULVEY, L.. **Prazer visual e cinema narrativo.** 1973.

OPERAÇÕES Especiais. Direção: Tomás Portella. Produção: Pablo Torrecillas, Rodrigo Castellar. Coprodução, Globo Filmes, TC Filmes. Rio de Janeiro - RJ, 2015. (122 min)

PIMENTA, C.. **INSTITUTO DA ATRIZ GEENA DAVIS DIVULGA PESQUISA SOBRE MULHERES NO CINEMA.** Cine Set, 2014.

STAM, R. **Introdução à Teoria do Cinema.** Editora: Papyrus, 2003.

WALKER, Rebecca. **Becoming the third wave,** (January/February; p. 39-41) 1992.